

Memórias e confissões de um tabacomaniaco

J. Vaz Pupo

Deixei de fumar em 1954, tendo começado quando pensava que já era homem, antes da primeira guerra mundial.

Meu pai, que se não tivesse falecido estaria hoje com cento e doze anos, era dos tás que falavam uma coisa uma só vez e não voltavam atrás depois de tomada uma resolução. Contava que quando tinha trinta e dois anos fôra consultar um médico, seu primo, em Campinas, terra como se sabe de grandes especialistas, para ver a garganta, que se encontrava ulcerada e purulenta.

— Você fuma demais, Seu Tônico — disse o primo enquanto lhe comprimia a língua para ver no fundo. — Por que não larga disso? Nunca vi uma garganta assim!

— Está muito ruim?

— Está podre! Vou lhe dar apenas um gargarejo, hoje. Mande um dentista fazer uma limpeza e um conserto nesses dentes, e largue de fumar se quiser sarar dessa garganta de uma vez.

— Já larguei, primo.

— Não pode ser! Há quanto tempo?

— Agora.

Assim ele contava a propósito de qualquer conversa sobre fumo. Mas eu, como todo mundo, ouvia por um lado e soltava pelo outro.

Minha avó materna fumava cigarro de palha. Quando eu ia visitá-la, um dos meus divertimentos era oferecer-me para encher a sua latinha de folha com nova provisão de fumo picado.

Uma tabua de uns 30 cm de largura por outros tantos de comprimento, com uma faca articulada num gancho nela fixado, era o picador de fumo — de minha avó e dos avós e das avós de muitos outros meninos, naquele tempo, no interior do Estado. Mesmo na casa do presidente da República, que morava perto, antes de mudar para o Rio de Janeiro, havia uma vozozinha que picava fumo numa dessas tabuas. Não era feio, portanto.

O fumo em corda, negro, forte e cheiroso, era picado, desfiado e repicado até ficar como chá de Índia um tanto miúdo, e comprimido na lata. Em pagamento ela me dava um cigarrinho quazse só de palha, do qual eu tirava umas fumacadas, depois de acendê-lo no tição que, aceso o seu, ela me dava para levar de volta ao fogão.

Eu era muito criança nesse tempo.

Anos depois, em São Paulo, minha mãe quis começar a fumar e mandou-me comprar na Casa Rosa, na rua das Palmeiras, onde meu irmão dez anos mais velho se abastecia, um maço de cigarros próprios para senhoras — uns cigarros curtos, redondos, de fumo amarelo e pardo muito suave e perfumado — marca "Rosinha", que uma das minhas tias fumava quando vinha visitar-nos.

Minha mãe deu-me um dos seus cigarros, e esse foi o único que em minha meninice fumei com sua autorização.

Pegado á nossa casa havia um empório, no qual trabalhava um caboclinho forte e entroncadinho, bem da minha idade, recém-vindo do Interior. Um dia, quando ele saía para fazer umas entregas, largou no chão a cesta que levava, olhou para trás para ver se o patrão não o observava, tirou do bolso um cigarro de palha, acendeu-o, e ia retomando o seu caminho tirando umas fumacadas, quando eu perguntei admirado:

— Você fuma?

— Eu trabáio, uai!

Era isso mesmo. Ele trabalhava e era dono do seu dinheiro e do seu nariz. Pode-se calcular a inveja que eu fiquei daquele caipirinha lá da Mococa, na divisa de Minas, onde, ele mesmo con-

tava, davam tiros em qualquer um para experimentar a espingarda e, conforme o caso, enterravam a faca na barriga do sujeito para ver que cara ele fazia.

Eu terminei logo depois o curso primário, o ginásio era muito caro naquele tempo, e fui também trabalhar no empório. Não demorei: os primeiros \$400 réis que recebi de gorjeta proporcionaram-me um maço de cigarros na Casa Rosa.

Meu irmão estava fora, em férias pelo Interior e ninguém mais fumava em nossa casa. Um dia minha mãe, ao lado de meu pai, mandou buscar-me onde estivesse e perguntou de supetão:

— Foi você que deixou um toco de cigarro no banheiro?

— Cigarro?

Eu era desde remotos tempos conhecido como o maior mentiroso de que se tinha notícias; mas a minha resposta fôra tão natural e convincente que, apesar dela ficar o resto do mês a me olhar com o ar todo seu de lidar com mario-las, não mais voltou a tocar no assunto.

Mas eu sabia com quem estava me havendo e foi então que larguei de fumar a primeira vez. Anos depois, sai pelo mundo.

Trabalhava numa fazenda, quando o meu companheiro mais chegado, o Cesário, um ca-

marada alguns anos mais velho do que eu, um dia, na venda, me perguntou:

— Você não pita?

— Não.

— Homem que não pita, não é homem!

Ele nunca tirava da boca, a não ser para dormir, o seu cachimbinho retorcido, de tampinha de metal, igual aos que havia na venda, uma fierra dependurada entre uma coluna e outra da prateleira, e eu resolvi ficar homem a partir daquele momento, tal qual como teria feito meu pai nas mesmas condições de tempo e de lugar.

Comprei um cachimbo, mandei cortar um palmo de fumo araçá bem curado, ajuntei um maço de fosforo e meti tudo no bolso. Como o companheiro ainda fôsse ficar tomando mais alguns goles com outros parceiros, toquei para o alojamento.

No caminho puxei logo da faca, piquei fumo, enchi o pito, acendi, fechei a tampinha de lata toda furadinha que o enfeitava, e comecei a pitar.

Tenho a propriedade de fazer perfeitamente aquilo que eu quero, logo da primeira vez; de maneira que o pito funcionou a contento e eu continuei o meu caminho com a nova personalidade que havia adquirido, sorrindo, pensamentos ao léu, antegozando a impressão que iria causar dali em diante nos outros garotos da turma, que fumavam em sordidos pitinhos de barro um macáia picado com a unha, de tão seco, de tostão o palmo, e perante o encarregado do serviço, que fumava cigarrões de palha grossa e mal preparada, suja, enrugada, do fumo mais fedorento que existia.

Pensava também nas "meninas" da "pensão", na cidade, que iria ver naquele mesmo domingo á tarde, com ou sem o Cesário, que sempre riam da minha pouca idade, e no trote que me davam quando me pediam um cigarro, já feito ou por fazer, e eu não tinha para dar.

Esta parte da história serve também para dar uma idéia de como eram as coisas naquele tempo, quando os garotos que andavam pelo mundo podiam trabalhar no que quisessem, beber, fumar e divertir-se com as mulheres.

Mas um triste fim havia de ter aquela minha primeira experiencia séria no uso do tabaco. Porque dentro em pouco, completamente atordoado, eu estava sentando na beira do caminho, levantando e caindo, vomitando e deitando, e só dava acordo de mim estendido na mesa de um carro de bois, já na frente do rancho, de onde o carreiro logo me descarregava juntamente com uns sacos de mantimentos que trouxera para a cozinha dos trabalhadores.

—oOo—

Eu já deveria ser certamente tão burro e tão teimoso como qualquer um, naquela idade; pois lembro-me de que mais ou menos aos dezoito anos, já fiscal numa grande fazenda de café, quando acabou a guerra, brigava diariamente com o velho asmático do escritório, que achava que a Liga das Nações era uma bobagem, que os russos iam acabar com a exploração dos pobres pelos ri-

cos, que se a Alemanha tivesse ganho a guerra iria pôr ordem e progresso em todo o mundo e, principalmente, que a fumaça do meu cigarro era absolutamente intolerável.

Ele não fumava, enquanto que eu, a primeira e a última coisa que fazia, além de não sei quantas vezes durante o dia, das cinco da manhã às nove da noite, era o meu cada vez maior cigarro de palha, de fumo como aquele do quilombo — do qual cada fumaça é um tombo.

Afora o velho asmático e um rapaz muito delicado, que também conheci, não me recordo de outro caso de abstenção de fumo nesses tempos. Donde concluo que o vício de fumar era então muito mais generalizado, porém somente entre os homens.

As senhoras da sociedade, a não ser uma ou outra, muito às escondidas, geralmente não fumavam, tendo ficado celebre em nosso clã, excepcionalmente, uma matrona que fumava enormes charutos havana sentada numa cadeira de balanço. As moças nunca fumavam; tanto assim que quando se queria dizer de um rapaz mais tirante ao sexo feminino que ao masculino, a frase era esta: "Esse é dos tais que não fuma, não cospe e não assobia".

—oOo—

Quando, aos vinte annos, fui rever meu pai e ele perguntou-me se tinha aprendido a fumar e eu respondi que sim, ele falou:

— Então pode fumar na minha presença — recordando em seguida: — Você sabe que eramos seis irmãos, ainda meninos, quando nossa mãe morreu. Todas as noites ficavamos reunidos depois do jantar, até a hora de dormir. Tocavamos musiquinha, estudavamos, ou saíamos para alguma visita, sempre em companhia de nosso pai. Depois veio o fumo. Ele não fumava e os mais velhos começaram a sumir depois do café, para fumar.

Um dia ele disse:

— Podem fumar na minha presença: não quero que os meus filhos fujam de mim por causa disso.

Nenhum de nós, depois dêsse dia, teve coragem de abandoná-lo para fumar, nem de fumar em sua presença. Eu estava entre os mais novos e comecei depois de casado; mas larguei no dia em que o primo Diogo me disse que se eu continuasse com o cigarro a minha garganta não tinha salvação, conforme você sabe.

—oOo—

Relevante papel parece ter tido o fumo, como se vê, na vida de meus avós, de meu pai, na minha e de minha mãe; o que por si só seria suficiente para demonstrar a importancia desse elemento no mundo em que vivemos; motivo pelo qual, de passagem pela classificação científica do fumo, consoante os botânicos que o estudaram, continuamos com as nossas recordações.

Tabaco — Nicotiana tabacum, L. — Família das solanaceas.

Herbacea de folhas ovais, compridas, agudas, grandes, onduladas, grossas, melosas, verde palida. Flores em cachos compridos, terminais. Fru-

tos em forma de capsulas ovoides. Sementes miúdas e numerosas. Produz a nicotina, alcaloide de cheiro nauseante, muito volátil, com ação retardante do coração e veneno cardiaco, em alta dose, violentissima para o cão. O suco é usado em veterinaria como parasiticida. A semente dá oleo para saponificação e pintura, e torta para alimentação do gado. A facilidade de hibridação e adaptação a qualquer terreno, clima e latitude, possibilitou a obtenção de dezenas de variedades botânicas da planta e consequentes variações nos tipos de produtos existentes no mercado — fumos, cigarros e charutos.

Fumo bravo — Cáa — Fumo silvestre — Solanum tabacifolium Vell. Família das solanaceas.

Herbacea de folhas lanceoladas, agudas. Flores verdes. Frutos em forma de capsulas esfericas. Sementes pequeninas. Toda a planta é melosa. Tem os mesmos usos do fumo, ao qual é inferior. O cozimento é contra as febres malignas, contra o veneno da mandioca, emoliente e resolutivo. As folhas são comidas pelos animais e as hastes dão carvão para polvora.

Sob **Tabaco** mencionam também **Tabaco da Índia, Tabaco de Judeu e Tabaco do Diabo**, sem dar a utilidade ou perniciosidade.

—oOo—

O fumo, segundo os historiadores, foi introduzido na Europa pelos marinheiros, que adquiriam o vício dos nativos das malocas que visitavam, no tempo das aventuras por mares muito pouco ou nunca navegados.

Não estou muito enfronhado no assunto; pois não sou dado a investigar mais meticulosamente coisas que pouco interessam, contentando-me em saber mais ou menos por alto como viviam os homens antigamente, pelos modos não muito mais adiantados do que os atuais, uma vez que o cachimbo, por exemplo, já era por eles geralmente utilizado.

Dizem, os estudiosos, que os ameríndios davam grande importancia ao cachimbo da paz, que chupavam em rodizio com os visitantes de outras tribos, no commercio que mantinham, como os gauchos há muito fazem com o seu chimarrão; de forma que os piratas que aqui aportavam, a fim de agradar os botocudos e levar-lhes a palma nas barganhas que propunham, não tinham pejo de com elles pitar no mesmo pito.

Depois, em suas terras, nos botecos das "bocas do lixo" dos seus portos, ou mesmo nos palácios e salões, a contar lorotas, como aos índios a embrulhar os financiadores das suas andanças, para começo de conversa puxavam dos seus charutos ou cachimbos, a embasbacá-los e, o que era pior, a eles e aos palpavos e aos sabidos que os rodeavam, transmitindo o vício.

O fumo sempre foi, como se vê, além de natural complemento de outras formas de exhibicionismo, ótima abertura para bons negocios, ou marteiras, sem falar em outros usos menos deprimentes, como o que o dele faziam os pajés, fumando rolos e rolos de folhas, para intoxicar-se até enlouquecer e, nesse estado, pulando e sacroteando, atropelar os maus espiritos infiltrados nas tabas.

(continua)

J. Vaz Pupo

Manifestações de estupidez que envergonham de contar, podem ser também desencadeadas pelo fumo.

Tive um amigo de infância, cujo pai, descobrindo que o filho andava com cigarros, chamou-o, deu-lhe um cigarro, mandou que acendesse e deu-lhe em seguida tamanha bofetada, que o deixou surdo de um ouvido para o resto da vida.

Esse rapaz devia ter ficado também idiota com o castigo, pois encontrei-o já homem, fumando calmamente.

Um caso doloroso foi o de um meu amigo alemão, um fidalgo, alto e espadado, alegre e carinhoso, mas cujo habito não se podia suportar a menos de metro e meio de distancia. Tal era o cheiro que dele exalava, que se tinha a impressão de que a sua traquéia era um canudo forrado de sarro e de catarro purulento.

Fumava "17", uns cigarros fortes e grossos, redondos, que nos ultimos tempos só ele sabia onde comprar. Trabalhava até altas horas da noite na sua escrivaninha, em casa, fumando e tossindo, até um dia morrer de um colapso.

O terceiro desta serie, mais feliz, foi um negociante romeno, ex-soldado de Nicolau II da Russia, meu amigo de mais de trinta anos, o qual chegando ao Brasil achava que os nossos cigarros eram os melhores do mundo.

Na Europa quase não fumava; mas quando o conheci já acordava ás quatro da manhã para fumar um cigarro e voltar a dormir. Sabia fumar: chupava longamente a fumaça, abria a boca, saboreava o rolo alvamento que dentro dela retinha, e desaparecia com ele para os pulmões, sem nada expelir nem desperdiçar. Só fumava sentado, pensando, conversando e, após meia duzia de tragadas desse teor, jogava fora o pitoco e voltava-se para o que estava fazendo.

Com a idade aposentou-se e muito mais cigarros passou a absorver dessa forma, diariamente. Tinha então acessos de tosse a cada tragada, a ponta de ter de levantar-se e apoiar-se na porta ou na parede, a tossir e a pigarrear, desesperado.

Por ordem do medico, largou de fumar. Mas mandava a filha comprar-lhe ocultamente cigarros. Jogava fora uma carteira ainda cheia, comprava outra, fumava um ou dois, tornava a desesperar-se.

A comida era insossa, salgada ou azeda; a cama era dura e a cadeira de balanço socava e rangia. Enxotava a sua gatinha de estimação, amassava o jornal, desligava o TV.

Na praça onde ia respirar o ar da manhã, tinha impetos de pedir um cigarro a cada fumante que passava; outras vezes, de tirar-lhe o cigarro da boca e bater-lhe. Furioso, ocultava-se em casa.

Um dia comprou ferramentas, sementes e adubos, e começou a fazer uma horta no fundo do quintal. Tinha sido agricultor na Romania, quando ainda não fumava, e largou de fumar de uma vez.

Encontrei-o, tempos depois, forte e disposto. Tentara retornar ao cigarro, de que tanto gostava,

mas á primeira tragada tossira e, horrorizado, nunca mais pensara no vicio.

O quarto, brasileiro, industrial, fumava como eu cigarros de palha.

Mas tão obsedado se tornara com essa modalidade do vicio, que não fazia outra coisa, não falava em mais nada, que não fosse fumo bom, palha e canivete, alisando continuamente, e aparando, dezens de palhas, picando fumo e enrolando cigarros, para ter sempre á mão os necessarios para si e para quem quer que dele se aproximasse.

— Quer um caipira? — era a pergunta que fazia a todas as pessoas, muitas das quais não fumavam mas aceitavam o "palheiro" para não decepcioná-lo.

Quando eu ia visitá-lo em casa, ficava todo o tempo na ponta da mesa a manusear os componentes do vicio; a mulher na outra ponta, costurando, a filha no meio, lendo, eu, fechando o quadro, olhando. O cigarro, no cinzeiro cheio de tocos, não apagava nem acendia (era uma praga de malfeitos os cigarros que fazia), e pontas de palha suficientes para arrumar varios ninhos de galinha esparramavam-se pela mesa, de mistura com fumo picado, desfiado, cigarros prontos.

No seu escritorio, onde aproveitava o tempo disponivel para fabricar também cigarros, o ninho de galinha era identico.

Vê-lo aí, ás voltas com um dos seus cigarros, na rua, no bonde, ou em outro escritorio, era um espetáculo a um tempo curioso e enervante. Jogava fora um ainda aproveitavel, escolhia outro,

desfazia-o, alisava a palha já alisada, redensava o fumo já desfiado, enrolava-o novamente, acendia, (também dobrava a ponta do cigarro antes de acender), chupava, olhava o morrão, desenrolava, afogava o fumo, tornava a enrolar, reacendia, batia na unha do polegar a brasa, tornava a acender, tornava a chupar...

Um dia, tudo limpo na sua secretaria, comunicou-me alegremente ter largado de fumar. Fiquei perplexo e entristecido, pois costumava levar pessoas interessadas no assunto para vê-lo lidar com os seus cigarros. Não acreditei e ofereci-lhe um dos meus, de puro "Tietê", palha aparada por um especialista de Moji-Guaçu. Riu e não aceitou. Fiquei indignado. Ele era bastante gordo e eu disse-lhe que iria engordar ainda mais. Retrucou que tinha entrado para um clube de ginastica!

Tempos depois encontrei-o num escritorio completamente modernizado, ás voltas com um bonito charuto, de cuja caixa tirou uma trinca e me deu.

— Sabia que você nunca poderia largar de fumar — observei.

— Larguei sim, como não... Isto aqui é...

— Não é fumo! Fumar charuto não é fumar, não é?

— Sabe como foi? Fui numa reunião de importadores, em Santos, todo o mundo de charuto na boca, só eu recusando, feito bôbo!

Muito justo. Pode-se imaginar um importador, um industrial, um gerente, um diretor, sem um

charuto na boca, sem mandar um cliente sentar, abrir a gaveta, tirar a caixa de charutos, oferecer-lhe um e dar-lhe também de presente uma caixa de fosforos importados?

Sai dali todo ancho, mas encontrei logo um outro amigo, meu, do industrial e dos charutos, que disse:

— Já sei onde você esteve. Me dá isso aqui!

Tomou-me todos os charutos e saiu rindo, acenando-me com eles na mão. Custavam, cada um, 5\$000 Rs. nessa época, aqueles charutos.

*

Eu raramente fumava charutos. Fumava-os em casa, discretamente, quando me davam. Seria incapaz de uma coisa dessas na rua, onde teria de explicar, aos amigos e conhecidos que encontrasse, em que circunstancias os teria obtido, ou responder, quisesse ou não quisesse, á classica pergunta: — "Oh! Quem foi que pôs você nesse charuto?" — porque cada variante do vicio exige condições próprias para a sua adoção, e vice-versa, e eu detesto responder perguntas quando estou fazendo uma asneira.

Esclarecendo, não tem cabimento, por exemplo, fumar um brasileiro um charuto daqueles retorcidos como um saca-rolhas, chamados toscanos, caracteristicamente fedorentos. Não fica bem, também, a um dançarino de balé, fumar cigarro de palha; para o que o sujeito precisa ser meio machão, abrutalhado, disposto a enfrentar a sociedade ou, então, maniaco ou sirio.

(O meu jornalista do Anhangabaú cumprimentava-me em árabe, por causa do meu cigarro de palha).

Cigarro de papel qualquer um fuma — homens, mulheres, garotos e mendigos — pois o numero de tipos e qualidades é tão infinito como o dos seus apreciadores. Já, a piteira, exige um tipo especial de homem ou mulher para cada comprimeto. Para o meu caso, não tendo conseguido imaginar, por mais que representasse, de que tamanho deveria usar, quando a tanto fui obrigado, optei por 10%, mais ou menos, da minha altura, ou seja 17 cm, não obstante ter um amigo gordo e baixinho com uma do mesmo comprimento, que lhe ficava muito bem.

O cachimbo, extraordinario é o que com ele se dá:

a) Exclusivamente pela nacionalidade e idade do fumante, só os italianos velhos, sentados na soleira da porta da rua, ou ao contrário numa cadeira de palha, na calçada, apoiado no encosto. Nesse caso o cachimbo pode ser de barro, comprido como os dos bugres, recurvado, de pau, de louça, de espuma, importado ou não, mas sempre feio e o mais fedido possivel;

b) Os estrangeiros de qualquer país frio do mundo, loiros, também podem usá-lo, reto, normal, com fumo inglês, em qualquer lugar. Por ele jamais serão notados.

c) Os turistas de qualquer origem, em qualquer parte do Universo, com uma camara fotografica a tiracolo. Idem.

d) Os brasileiros invejavelmente posicionados em geral, ou viajados, podem usar cachimbo inglês ou semelhante, em casa, numa poltrona, lendo ou batendo papo, com os pés num tamborete (em cima da mesa é demais, no caso), se tiverem uma coleção deles, num cabide especial. Um só, é inconcebivel.

e) Pela profissão, temos os artistas como pintores, escultores, escritores, filosofos, cineastas (estes

também nos charutos) e os restantes, que não couberem em nenhuma classificação.

Somente esses, sem serem italianos velhos, altos, loiros, ou turistas, obrigatoriamente, podem andar na rua com cachimbo, contanto que usem coletes, cabelos compridos, negros, brancos ou grisalhos, óculos de grandes aros escuros, boina ou boné, invulgares. Sem nada na cabeça, só se tiverem basta cabeleira como meu pai, ou forem completamente carecas como eu.

Roupa, apesar de haver alguma que pode caracterizar a classe, principalmente a dos que não cabem em nenhuma classificação mas são artistas, qualquer um serve; mesmo porque não se pode entrar livremente nesse setor, que vai se tornando escabroso.

f) Temos por fim o pitinho de barro com canudinho de taquara, ou mais raramente de **canudo de pito** mesmo, também chamado **pau de anjo**. Desse, dos pobres, dos velhos e das velhas Brasil a dentro, dos moços e das moças descalças, carpindo café, das crianças que trabalham na lavoura, para espantar lambe-olho, picando com a unha o macaizinho ressecado, para acendê-lo com um tição do fogo para isso deixado sempre aceso na roça, não tenho o que dizer.

g) Do charuto, tubarônico e gostosão, já falei e ainda falarei.

✱

Fui um inveterado "Donjuan de esquina", naquele tempo uma especie de lobo solitario, tímido, que não sabia dançar e não frequentava a sociedade.

O cigarro, a capa de gabardine no antebraço apoiado na cintura (nunca usava bengala nem guarda-chuva), principalmente o cigarro, o mais longo que havia, faziam parte do perfil que eu deveria apresentar. Por isso acendia um cigarro atrás do outro, no tóco, a fim de não arriscar-me a ser visto de repente, lá da janela, pela minha Julieta do momento, sem o meu cigarro na boca.

Tinha de ser assim. Cada lugar, cada situação, cada tipo, exige uma forma de fumar, como já se viu.

Vi certa vez uma garotinha de seis ou sete anos, de vestidinho até os pés e birotinho, qual uma mulherzinha, sair de uma casa á beira da estrada, com uma bacia á ilharga, bater na porta da vizinha, pedir emprestado o pito, melê-lo na boca e sair fumaceando rumo ao rio, onde outras mulheres se encontravam a lavar roupa.

Também Winston Churchill, com o seu charuto, mesmo depois de proibido de fumar, nunca se atrevia a aparecer em publico sem ele na boca.

Estão assim plenamente justificados os fumantes de todos os tempos, em face dos exemplos acabados de citar, contanto que não se deixem levar a situações idiotas, repugnantes, mortais, com o uso do fumo, uma das indiscutíveis beateiras da humanidade.

Os casos patológicos, como todas as infelicidades, admite-se e lamenta-se; mas levar os outros a situações aflitivas por puro exibicionismo, ou desejo de parecer o que não é, em ocasiões em que tudo deve ser repouso e despreocupação, imperdoavel.

Saimos de Santos, certa vez, de lancha, sob um bellissimo luar, num mar calmo como um espelho de chumbo polido, para pescar numa ilha frondeira á ilha de Santo Amaro. A lancha era grande, com beliches para os convidados que não quises-

sem permanecer na coberta até o lugar da pescaria. Entre eles ia um belo rapaz, cuja pele, muito branca, apesar do rico traje de caprichoso marinheiro, demonstrava ser completamente neofito na vida do mar.

Andou de cá para lá, calado, e a horas tantas desceu para o beliche. Sentou-se no leito, apanhou de uma valise uma bolsa, tirou dela um bonito cachimbo e uma lata de fumo inglês, parte do qual passou para uma bolsinha propria para ter na algibeira, encheu o forninho, comprimiu, abriu uma caixa de fosforos americanos, meteu uma parte no bolsinho da blusa, riscou um deles na sola do sapato, chegou a chama ao fumo e começou á chupar.

Perfeito. Eu, de pé junto da escotilha, por acaso observava-o.

O cachimbo não acendeu e ele tentou outro fosforo e mais outro, sem resultado. Esvaziou o forninho, tornou a enchê-lo, riscou outro fosforo, chupou, tornou a tentar, tornou a esvaziar, insistiu, desistiu. Guardou tudo na valise, acendeu um cigarro e veio para cima.

Fingi que não vi.

Depois, puxei prosa com ele até onde as garoupas nos esperavam. Lá chegando, enrolhei o esparadrapo no indicador para a linha não cortar e ensinei-o a puxá-la logo, antes da garoupa entocar.

Ele havia comprado naquele dia a lancha do nosso anfitrião, informou-me; e por isso comprou também o cachimbo, concluiu.

Conheci infelizes que não podiam mais fumar e enlouqueciam de nervosismo, a chupar caramelos e a mascar goma feito americanos.

Outros, dispepticos ou diabeticos, ou viviam de cigarro apagado nos labios, a bufar e a querer brigar com todo o mundo que tocasse no assunto, ou voltavam a fumar furiosamente, a caminho do cemiterio.

Mas o pior do fumo é para as mulheres.

Se não fumam, horrivel deve ser o sacrificio de suportar a tosse dos maridos, o sarro dos seus pitos, suas pontas de cigarros. Se fumam, enegrecelhes os dentes e dá-lhes mau halito, afora outros prejuizos. Hoje, que os homens em grande numero não fumam, as mulheres fumantes muito mais desinteressantes se tornam.

Ouvi de um velho cavalheiro, impedido de fumar devido ás inumeras operações que sofrera, que as mulheres fumantes tinham um cheiro desagradavel em todas as partes do corpo. Contei a um medico e ele confirmou que o fumo, talvez por serem as mulheres mais sedentarias e delicadas, parece impregnar-lhes o organismo mais que aos homens; com todas as consequencias que desse fato pode resultar.

E dizer que milhares são hoje os casais onde só a mulher é fumante!

Que sentem as criancinhas que carregam nos braços? Provavelmente o mesmo que os filhos das caboclas que amamentam com o pito na boca: crescem acostumadas com o cheiro do sarro.

E' verdade que os cigarros dotados de filtro — hoje bastante apreciados — talvez não façam mal a ninguém. Mas, conforme experiencia que tive com uma piteira na qual se introduzia preliminarmente um cigarro para servir de retentor dos produtos nocivos da combustão, não devem ter gosto de nada; apesar da fumaça de palha mofada que ás vezes me acontece cheirar.

Mas, então, se "não fedem nem cheiram", para que continuar a fumá-los? Para melhorar a personalidade?

(continua)

J. Vaz Pupo

Nunca fui contra o fumo. Aborrecla-me, mesmo, com aqueles que a todo momento me aconselhavam a deixá-lo.

Conforme o caso, brigava.

Quando, num artigo que o combatia, li que Pascal dizia ser o uso do tabaco prova cabal de estupidez, chamei-o de quantos nomes se poderia aplicar a um sujeitinho doentio, criado na barra da saia, conforme dizem os seus biógrafos ter sido o grande pensador em sua infância.

E tive um companheiro de trabalho metido a saudável e a práticas higiênicas, que implicava com tudo que os outros faziam ou não faziam, comiam ou não comiam, bebiam ou não bebiam. Era querido dos chefes da empresa; mas no dia em que apanhou o meu cinzeiro, com o cigarro aceso que nele estava e foi depositá-lo no parapeito da janela, agarrei-o pelos colarinhos, xinguei-lhe o pai e a mãe, e o teria feito engolir todos os tocos de cigarro do escritório se outros colegas não mo tivessem a tempo tirado das mãos.

Várias escaramuças menores tive por motivos semelhantes, na minha vida de bípede fumante. A mais interessante, de resultados positivos entretanto, foi no segundo emprêgo que arranjei na Capital, tentando a vida após aprender datilografia e iniciar um curso de taquigrafia.

Era num pequeno escritório de uma industria farmacêutica, hoje enorme organização, cujo guarda-livros, um indivíduo já maduro, entre outras besteiras não dava hora de lanche e não permitia aos seus "escravos" sair para tomá-lo fora do escritório. No terceiro dia de trabalho, morto de fome, ali pelas quatro da tarde, procurei o patrão, um cavalheiro bondoso e sem vícios, que só então conheci pessoalmente, e pedi demissão.

Ele pôs a mão no meu ombro e conduziu-me de volta à sala de trabalho, perguntando ao responsável se era verdade que os seus auxiliares não tomavam lanche nem ali nem fora dali, ordenando, desde logo, não só a instalação para tanto necessária, por conta da casa, como um quarto de hora de folga, para uma volta no quarteirão, para conversar ou cochilar.

Em compensação, vai o tonto e proíbe de fumar, alegando que uma vez que ele e o patrão não tinham tal vício, não eram obrigados a respirar fumaça de cigarro dos outros. Os rapazes mais inexperientes começaram a ir ao gabinete sanitário para tirar uma tragada; mas eu, depois de tentar alguns dias trabalhar sem fumar, resolvi novamente pedir demissão.

— Eu não proíbo ninguém de fumar — disse o patrão — o que seria um absurdo num lugar onde não há inflamáveis nem explosivos. Aconselho apenas aos jovens como o senhor, que não fumem, em benefício da sua saúde e economia. Ele também fumava quando veio organizar o nosso escritório, mas a meu conselho deixou.

De qualquer forma seria difícil aguentar o seu preposto e por isso respondi que agradecia. Mas ele continuou:

— Sou presidente da nossa sociedade de classe e preciso de uma pessoa capaz para redigir as atas das reuniões, pagar, receber, fazer as contas, preparar a correspondência. O ordenado é o mesmo daqui, o senhor vai ter bastante tempo disponível e eu o autorizo desde já a usar a secretaria para algum trabalho de datilografia ou de contabilidade que arranjar fora. Aceita?

Assim foi que em troca da minha persistência no vício fui mandar em mim mesmo, trabalhar, comer e fumar quando bem entendia, com um servente e um cobrador para fazer tudo que eu queria.

Só um fabricante de cigarros poderia tirar melhor proveito do fumo.

*

Algumas outras utilidades, mais ou menos relevantes ou de somenos, devo recordar, das folhas de fumo.

Em pó ou como fôrro dos ninhos, servem para matar piolho de galinha. Na forma de rapé, que se obtinha economicamente mediante a pulverização dos resíduos, na fabricação do fumo de rolo, servia para assoprar no buraco da fechadura (antigamente muito grande), quando havia alguém espiando do outro lado, e para as donzelas defenderem a sua honra jogando-o nos olhos dos tarados.

Na medicina caseira era "trã-chã" para expelir grãos de milho ou de feijão metidos no nariz pelas crianças, fazendo-as aspirar pela outra ventura um pouco de rapé.

Mas para provocar gostosos espirros é que era mais apreciado. Era a única maneira de "fu-

mar" sem perigo de intoxicar-se, segundo meu pai, que depois dos setenta tentou reviver esse inocente vício entre os componentes da sua roda, talvez por isso mesmo, de ser inocente, hoje esquecido — pelo menos no Estado de São Paulo.

Não faz fumaça, não fede, não resulta mortes, não provoca incêndios, nem brigas nem explosões, e fica muito mais barato que o mais barato mata-rato. É só colher algumas folhas de fumo no fundo do quintal (é uma praga que nunca mais desaparece, depois que aparece), secar, socar, e guardar numa latinha própria para ter no bolso do colete.

Era como faziam os aficionados de poucos recursos.

Os ricos — magistrados, barões e tubarões — usavam tabaqueiras de ouro, prata ou tartaruga. Havia-as também de madeira, esculpidas ou laqueadas.

(Não posso dizer se conheci realmente êsses personagens, ou deles guardo a imagem através de fotografias ou relatos escritos ou orais, pois não creio ser tão velho para tê-los alcançado ainda vivos no mundo).

Adiante:

O unico inconveniente do rapé é o tabaqueiro ter de usar um tabaqueiro de seda ou de cambráia, pardo ou dessa cor sarapintado, para não sujar, de uns 50x50, para nele espirrar, olhar se não saiu algum pedaço de dentro do nariz, e guardar no bolso traseiro da calça (não tenho certeza — sempre esta falha de memória — se desta ou da sobrecasaca), com as pontas aparecendo por baixo, e como parece era de bom-tom entre os adeptos desse modo de fazer alguma coisa para começar uma conversa, ou para pensar como vai responder uma pergunta que dê que pensar.

Disse acima pelo menos no Estado de São Paulo, porque esse sistema até há pouco ainda era usado no Estado de Minas Gerais, onde havia uma fabrica de rapé marca "Pó Cinco Sentidos", possivelmente ainda em funcionamento.

— A gente de lá deve ser mesmo valente — pensei quando ganhei uma latinha desse material. — Porque meter tabaco em pó também na boca e nos ouvidos, e nos olhos, seria uma tentativa de suicídio para quem não estivesse acostumado.

Mas um amigo, lá das "Alterosas", me explicou:

— Pelo tacto a gente tira da tabaqueira a pitada desejada; pelo nariz a gente aspira e espirra; pela boca dá o atchim!; escuta, olha no lenço e solta lágrimas — o que desanuvia a vista e faz bem para os olhos.

*

Raras são as mercadorias de qualidades tão versáteis como o fumo.

Um dos raríssimos mascadores de fumo que conheci — um mulatão de meia-idade, emérito tirador de cipó e de mel de pau — atribuía ao fumo, que ia mascando e cuspiendo pelo mato, o fato de nunca ter sido picado de cobra, aranha ou marimbondos, que dele fugiam como os anjos do diabo, do cheiro do sarro.

Outra — uma mulherona dona de um sítio — depois de um canecão de leite cru pela manhã, metia uma corda de meio palmo de fumo entre os dentes, trabalhava todo o dia e á tarde, antes de entrar para preparar e comer a sua segunda refeição, jogava fora o bagaço já branco como palha, alegre e satisfeita.

Não tinha medo de nada — nem do diabo, dizia — que o fumo tudo espantava de seu redor.

E por falar no Diabo, outra utilidade do fumo, e grande, é ajudar o homem a suportar as situações desesperadas, como a daqueles que são encaminhados para o Inferno, pelo Criador.

Uns parentes meus, quando moços, tiveram a idéia de espiar pelos buracos da taipa da senzala os escravos, para ouvir o que diziam e ver o que faziam antes de dormir.

Três pretos, ao redor do fogo, filosofavam.

— Tição ôje tá reinano: nun qué cendê — dizia um.

— Fogo bão ocê vai vê lá no inferno, quando morrê — disse outro.

— Sai... Tinhoso! Vai ocê lá, espetá no garfo!

— Infêno nun há de sé tão ruim: — disse um velho, ainda africano — Leva sua pito, leva sua fumo, pôco pôco vá costumano...

*

Apenas uma vez em minha vida, na Revolução de 1932, lembro de ter sentido verdadeiro prazer em fumar um cigarro.

Havíamos voltado da frente para alguns dias de descanso em Itapetininga, onde fomos alojados num pardieiro de dois andares, de dentro do qual após havermos entrado era proibido sair sem ordem do comando.

Enorme quantidade de cigarros havíamos re-

cebido na trincheira nos últimos dias. Mas a ruindade deles, que os tornava intragáveis, era tão grande, tão maior que a quantidade, que uma verdadeira lama de pacotes inteiros, maços abertos e fechados e cigarros esparramados, formou-se dentro e fora das valetas que nos servia de abrigo, e nos trilhos entre uma e outra.

A marca desses cigarros era "Asso".

E ali estávamos nós, voluntários que tanto vínhamos lutando sem nada reclamar, sem um cigarro para fumar; pois a ninguém ocorrera trazer sequer uma carteira dos mencionados cigarros para a cidade.

Era nove horas da noite quando, de pé na porta de uma das salas do casarão, a olhar os rapazes que dormiam sobre as lonas das barracas, ou mesmo no soalho poirento (eu era um dos mais velhos do batalhão), fui chamado por um oficial, no topo da escada, dele recebendo nada mais nada menos que dois pacotes de vinte maços, dos melhores cigarros que então se fabricava no Estado, para distribuir pelo nosso pelotão.

Rasguei a ponta de um pacote e de uma carteira, tirei um cigarro, e fumei.

Esse dia, esse cigarro, esse oficial, jamais esquecerei!

*

Eu havia trabalhado muito tempo na lavoura, para onde voltara depois de casado, readquirindo assim o hábito do cigarro de palha.

De volta à Capital encontrei um velho amigo, botânico e entomologista, vinte anos mais velho, que convidou-me a entrar para o serviço público como instrutor de uma turma de especialistas que ele queria formar, no combate às pragas da agricultura.

Aceitei e, continuando num trabalho ao ar livre, de campo, não abandonei o cigarro caipira.

O velho estava proibido de fumar; mas cada vez que visitava o serviço não resistia e pedia-me que lhe preparasse um "dos meus", que ele não sabia fazer, mas na sua opinião eram menos prejudiciais que os cigarros de papel; motivo pelo qual eu o atendia com gosto, tanto mais que ele se fazia acompanhar às vezes de outras altas autoridades, as quais não raro gostavam também de saborear um legítimo "Tieté", "Rio das Pedras", ou "Jaú".

Concediam-me algumas palavras, acompanhavam curiosos o ritual de alisar a palha, apará-la — colocá-la à volta do anular direito, com as pontas para fora, picar o fumo seguro com a esquerda, nesta depositando-o para, finalmente, guardado o canivete, esfregá-lo na palma com o polegar e o indicador da mão direita, para desfiá-lo.

Enrolar o cigarro, dobrar a ponta mais grossa, de acender, era o toque final antes de entregá-lo ao obsequiado.

Eu era assim uma das curiosidades que ao lado dos aparelhos que usávamos, alguns de sua própria invenção, o saudoso amigo exibia aos seus superiores e admiradores, na inspeção aos seus serviços.

O "amarelinho" do Rio Grande e o golano, com os quais eu fazia às vezes umas variações, também eram muito apreciados pelos meus ilustres filantes; os quais, não obstante, sem dar valor ao que tinham na mão, jogavam fora os cigarros ainda inteiros, ao entrarem nos seus automóveis.

Grandíssimos idiotas.

Além do velho, só um ex-presidente do Estado, anos depois, mostrou ser caboclo verdadeiro, da nossa marca.

Foi o caso que fui levado por uns amigos a uma festa de entrega de espadins a uma turma de cadetes. Não nos encontrávamos muito afastados do miolo dos assistentes, na tribuna oficial, e a horas tantas puxei do meu canivetão espanhol e comecei a alisar uma palha para fazer um cigarro.

Foi um escândalo, e um companheiro, pai de um dos cadetes, disse:

— Olha só, esse cara aí!... Vê se aqui é lugar de caipira picar fumo!

Era. Embora ninguém ali o pudesse adivinhar. Porque o meu vento estava de popa, e a fumaça do meu cigarro foi cheirar para o lado do padrinho dos cadetes — o citado ex-presidente, o qual, inclinando-se para o nosso lado, disse, risonho:

— Quem é que está fumando esse tietezinho aí? Chegue pra cá e faça um desses para mim!

Fui para o centro do palanque, coloquei-me entre Julio Prestes e o Brigadeiro Eduardo Gomes, piquei fumo, alisei palha e fiz o cigarro que o primeiro tinha pedido.

Como foi que apesar disso eu ainda larguei dos cigarros de palha, a seu tempo será esclarecido.